



**CONSTRUIR PONTES, ESTREITAR LAÇOS: AULAS DE ESPANHOL ÀS
COMUNIDADES DO ENTORNO DA UESC**

***BUILDING BRIDGES AND STRENGTHENING TIES: SPANISH LESSONS TO THE
SURROUNDING COMMUNITIES OF UESC***

***CONSTRUIR PUENTES, ESTRECHAR LAZOS: CLASES DE ESPAÑOL A LAS
COMUNIDADES DEL ENTORNO DE LA UESC***

Fabiana Brandão Silva Amorim¹

Resumo: Este relato de experiência apresenta como se deu a idealização do curso de Espanhol para o ENEM, ofertado pelo projeto de extensão Dinamizando o Estudo da Língua Espanhola na UESC, com o apoio do Programa Integrado de Extensão Inovadora e Pesquisa UESC Comunidades (PIEI) e da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), a partir das demandas das comunidades que o recebem, considerando suas necessidades laborais e acadêmicas. Para tanto, apresentaremos brevemente as comunidades do entorno da UESC às que se destina o projeto; trataremos do papel da extensão universitária nessas comunidades; e dos desdobramentos da ação extensiva tanto para os discentes universitários que são monitores como para aqueles para quem o curso foi criado. A prática da extensão como prática formativa nos níveis laboral, acadêmico e pessoal atravessa as comunidades discente, docente e do entorno da universidade, transformando as relações e promovendo ricas trocas, práticas cidadãs e a emancipação de jovens e adultos envolvidos.

Palavras-chave: Extensão. Comunidade. Espanhol. Exame Nacional do Ensino Médio.

Abstract: *This article presents how the idealization of the Spanish course for the Brazilian National High School Exam (ENEM) was developed by the extension project Dynamizing the Study of Spanish Language at UESC, with the support of the Integrated Program of Innovative Extension and Research UESC Communities (PIEI) and the Pro-Rectorate of Extension (PROEX), based on the demands of the communities that receive it, considering their work and academic needs. To do this, we will briefly introduce the communities to which it is intended; discuss the role of university extension there; and the deployments of this extension both for university students who are the teachers of the course and for those for whom the course was*

¹ Licenciada em Letras/Espanhol e Mestra em Estudos Literários, ambos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do projeto de extensão “Dinamizando o Estudo da Língua Espanhola na UESC”. Professora de Língua Espanhola e suas Literaturas, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9389-766X> E-mail: fbsamorim@uesc.br E-mail: fbsamorim@uesc.br

created. The practice of extension as a formative practice - in terms of work, academics, and personally - crosses through the student, teachers, and the communities surrounding the university, transforming relationships and providing rich exchanges, civic practices, and the emancipation of young people and adults.

Keywords: Extension. Community. Spanish. Brazilian National High School Exam.

Resumen: Este relato de experiencia presenta cómo se dio la idealización del curso de Español para el ENEM, impartido por el proyecto de extensión Dinamizando el Estudio de la Lengua Española en la UESC, con el apoyo del Programa Integrado de Extensión Innovadora e Investigación UESC Comunidades (PIEI) y de la Vicerrectoría de Extensión (PROEX) a partir de las demandas de las comunidades que lo reciben, considerando sus necesidades laborales y académicas. Para ello, presentaremos brevemente la comunidad a la que se destina, trataremos del papel de la extensión universitaria allí y los despliegues de dicha extensión tanto para aquellos universitarios que son los maestros del curso, como para quienes el curso fue creado. La práctica de extensión como práctica formativa - en lo laboral, en lo académico y en lo personal - atraviesa las comunidades discente, docente y del entorno de la universidad, transformando las relaciones y brindando ricos intercambios, prácticas ciudadanas y la emancipación de los jóvenes y adultos involucrados.

Palabras clave: Extensión. Comunidad. Español. Examen Nacional de la Enseñanza Preparatoria Brasileña.

Introdução

Uma universidade possui a mesma lógica espacial de uma cidade: edifícios, ruas, praças, jardins, restaurantes, cafeterias, lojas, um edifício administrativo, pessoas que vão e vêm. Também possui muros, que são percebidos como fronteiras, o que cria uma delimitação do espaço que ela ocupa em uma cidade ou região. A dos muros – ou das fronteiras -, tanto em seu caráter concreto quanto no metafórico, muitas vezes cria a percepção de que aquele espaço é inacessível, e de que seus muros são intransponíveis.

A respeito dos muros, o autor Spiro Kostof (1998) reforça a inegável importância desse elemento, ao explicar que a existência do muro em Jericó qualificava-a como cidade, embora tenha sido anterior às cidades mesopotâmicas, estas consideradas as primeiras da história humana. Nesse sentido, Kostof (1998) afirma, em relação à cidade antiga, citando Jean-François Sobry, no seu livro *‘DeL’architecture’*, de 1776: ‘uma cidade sem muros não é uma

136



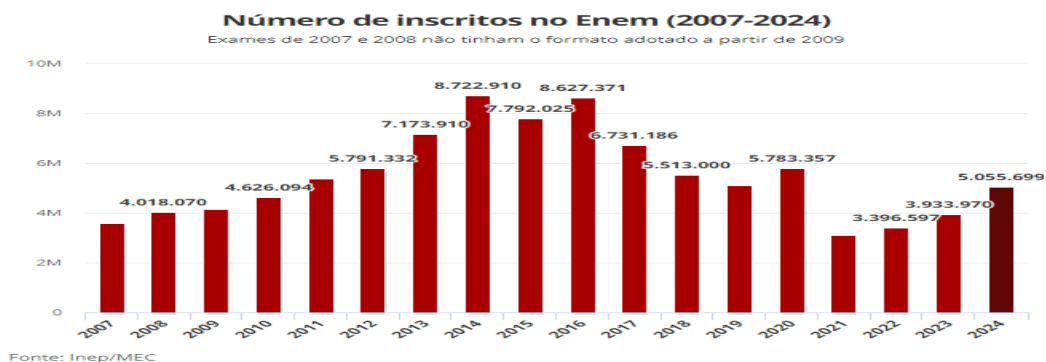
cidade” (Kostof, 1998, p. 38). A existência de muros, então, corroboraria nossa visão da universidade equiparada a uma cidade, em sua organicidade, mas não gostaríamos de enxergar esse muro como barreira, uma vez que os muros da universidade resguardam o saber e não pretendem isolar ou alijar, senão que são algo que pode ser transitado, transposto, a partir do exercício em direção à busca pelo conhecimento acadêmico.

Ainda, valendo-nos da ideia da universidade como um espaço geopoliticamente organizado, seria possível fazer uma analogia entre a forma de ingresso nos seus cursos de graduação e uma espécie de “aduana”, onde avalia-se quem pode ou não entrar e ser parte daquele espaço. Essa aduana poderia ser o Exame Nacional do Ensino Médio, popularmente conhecido como ENEM. Obviamente, a intenção da universidade pública é a de receber estudantes de todos os extratos socioeconômicos em suas dependências e de estender-se à comunidade externa, com o intercâmbio de diversos tipos de saberes e com a partilha dos conhecimentos pedagógicos e técnico-científicos produzidos dentro do meio acadêmico; no entanto, quando se trata do momento de ingressar na universidade pública existe quase um consenso velado entre grande parte da população de que aquele espaço não lhes pertence, ou que seria praticamente impossível fazer parte daquele “mundo”.

Essa percepção ou crença ganha forma, por exemplo, no número de jovens que evadem a educação básica antes de finalizarem o ensino médio: apenas em 2023, o IBGE registrou 9,1 milhões de jovens entre 15 e 29 anos que abandonaram a escola antes de terminar o ensino básico (IBGE, 2024); ou nos números de inscritos para o ENEM, que vivenciou um decréscimo significativo entre os anos de 2017 e 2022, conforme podemos visualizar na Figura 1 a seguir:



Figura 1: Número de inscritos no ENEM (2007-2024)



Os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do governo federal (Figura 1), mostram que praticamente caiu pela metade o número de candidatos inscritos no ENEM entre os anos de 2017 e 2022: de 6.731.186, em 2017, passou-se a 3.396.597 candidatos, em 2022. Notamos, em contrapartida, que em 2023 houve um incremento de 13,1%, quase meio milhão de candidatos a mais, em relação ao ano imediatamente anterior. Já em 2024, os inscritos foram de 5.055.699 de candidatos.

Os dados de incremento de jovens inscritas/os no ENEM nos dois últimos anos são importantes para nosso relato de experiência e são bom augúrio, uma vez que trataremos de como a relação com a comunidade ao redor da UESC revelou as demandas para a oferta de projetos e ações extensivas personalizadas, destinados a essas comunidades, o que nos levou a criar um curso de espanhol para o ENEM, na tentativa de atender às necessidades acadêmicas e laborais de jovens e adultos. Para tanto, falaremos um pouco sobre as comunidades no entorno da universidade, da experiência prévia de oficinas de espanhol ofertadas ali, e como a existência de ações extensivas é capaz de criar pontes e fortalecer laços entre a universidade e a comunidade. Por fim, abordaremos brevemente a importância das ações extensivas para a formação acadêmica, laboral e pessoal dos discentes da UESC envolvidos em todo o processo.

Metodologia

A Universidade Estadual de Santa Cruz “possui uma abrangência territorial integrada por 74 municípios, [e] a atuação permanente dos docentes e extensionistas da instituição impacta na busca de soluções para desafios locais e na promoção do desenvolvimento” (Santana *et al.*, 2025, p. 2). Ela está localizada no bairro do Salobrinho, no Km 16 da rodovia Jorge Amado (BR 415), que liga os municípios de Ilhéus e Itabuna, na Bahia. Banhado pelo rio Cachoeira e cercado pela vegetação exuberante da Mata Atlântica – típica da região –, o bairro abraça a universidade.

O Salobrinho possuía, segundo os dados do Censo de 2010 do IBGE, 4.447 habitantes e conta com uma área de aproximadamente 63 hectáreas (Sampaio *et al.*, 2021, p. 13). Trata-se de um bairro universitário, onde reside grande parte das/os estudantes que vêm estudar na UESC, seja em seus cursos de graduação e/ou pós-graduação. Ali também residem muitos professores e técnicos-administrativos da universidade, além das inúmeras famílias que historicamente vivem no bairro, e têm construído, ao longo das décadas, uma relação de proximidade com a UESC.

No bairro, há três escolas públicas: duas municipais – Escola Municipal Profa. Jardelina Azevedo Leal e Escola Municipal São Pedro –, e uma estadual – o Colégio Estadual do Salobrinho. Neste colégio, por meio do projeto de extensão Dinamizando o Estudo da Língua Espanhola na UESC, desenvolvemos, desde 2022, ações extensivas com as/os estudantes do ensino médio, notadamente aquelas/es do terceiro ano.

No segundo semestre de 2022 e no primeiro semestre de 2023, realizamos oficinas de língua espanhola nesse colégio, nas quais tratávamos de temas ligados à língua espanhola e às culturas de países hispanofalantes, as quais desenrolaram-se durante aproximadamente nove meses.

Nessas oficinas, as/os estudantes tiveram oportunidade de conhecer alguns aspectos da língua espanhola e das culturas de dois países, o México e a Colômbia, nas duas edições ofertadas. O contato com a língua e as culturas despertou nas/os jovens estudantes uma relação de cercania com o espanhol e também o interesse em optar pela prova de língua espanhola no



ENEM. A partir desse interesse, parte da carga horária das oficinas se destinou à preparação para o exame, surgindo um pequeno módulo com duração de um mês, com aulas de espanhol voltadas para o ENEM, entre os meses de maio e junho de 2023. Contudo, sabíamos que era um contato incipiente com o idioma, por meio do qual ofereceu-se uma noção de resolução das questões a partir da leitura de textos em espanhol. Em novembro de 2023, a convite da direção do colégio, participamos de um evento de preparação ao ENEM, com um “aulão” de revisão e resolução de questões do exame nacional.

Por sua vez, o bairro Banco da Vitória fica localizado a 6 km do centro de Ilhéus, e é cortado ao meio pela mesma rodovia que ladeia a universidade. Como o bairro Salobrinho, o Banco da Vitória é banhado pelo rio Cachoeira. Nele, há dezenas de comércios variados, praças, escolas, ruas e vida intensa. Ali, as aulas do curso de Espanhol para o ENEM aconteceriam, a princípio, na Escola Dom Bosco; no entanto, apesar dos esforços de vários envolvidos, não foi possível formar um grupo de alunos, e então optamos por dialogar com a comunidade do Assentamento Frei Vantuy, que fica próximo dali; essa comunidade é formada por 47 famílias, possui uma cooperativa agrícola de plantio e beneficiamento de cacau, e tem parceria em diversos projetos de extensão com a UESC. Devido a suas necessidades laborais e por não ter uma quantidade de jovens que justificasse um curso de Espanhol para o ENEM, a comunidade do Frei Vantuy optou por um curso de Espanhol Comunicativo, que atenderia aos projetos de turismo rural idealizados por eles.

O curso de Espanhol para o ENEM faz parte dos projetos selecionados pelo edital nº 186/2023 do Programa Integrado de Extensão Inovadora e Pesquisa UESC Comunidades 2023/2024 (PIEIP), realizado pela Pró-reitoria de Extensão da UESC e ambientado no raio das comunidades do entorno da universidade. O UESC Comunidades possui 22 projetos de extensão que foram aprovados, em diversas áreas de conhecimento, e atende às comunidades de abrangência do Banco da Vitória (Banco da Vitória, Maria Jape, Porto Seco e Frei Vantuy) e do Salobrinho (Salobrinho, Japu e Vila Cachoeira), em Ilhéus-BA.

Uma das características do programa UESC Comunidades é que os projetos participaram em um edital público, com termo de outorga, o que conferiu certa desburocratização na execução da ação e contamos com uma bolsa para um discente monitor.



Os projetos foram ofertados a partir da anuência das comunidades contempladas, mediante carta de aceite, em que reconheceram a importância de cada uma das propostas de extensão para a realidade de seus habitantes.

Assim, foi possível compaginar aquilo que a universidade pode oferecer de sua produção acadêmica e o espaço de troca-desenvolvimento dos projetos que a comunidade também pode ofertar. Desse encontro, nasce um intercâmbio riquíssimo desde o primeiro contato, que é quando se começa a idealizar a ação que será oferecida/desenvolvida, até o desenvolvimento das ações e sua conclusão.

No nosso caso, a demanda por aulas de espanhol que preparassem as/os estudantes para o ENEM nos foi sinalizada, em 2023, durante as oficinas de língua espanhola e suas culturas, pela professora de língua portuguesa do Colégio do Salobrinho, que era quem cedia um de seus horários de aula ao projeto Dinamizando o Estudo da Língua Espanhola na UESC. Essa solicitação nos levou a idealizar um curso extensivo que durasse todo o ano de 2024 e pudesse oferecer às/aos estudantes os subsídios necessários para terem sucesso na prova de língua estrangeira do ENEM. Encontrar essa possibilidade dentro do edital nº 186 do UESC Comunidades foi o casamento perfeito para unir nossa intenção de realizar o curso e a estrutura necessária – discente bolsista e verba para o seu deslocamento até a comunidade – para desenvolvê-lo.

A realidade do ensino da língua espanhola no Brasil se fraturou com a revogação, em 2017, da Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005 (Brasil, 2005), conhecida como Lei do Espanhol. Essa lei previa que a oferta da língua espanhola fosse obrigatória nos currículos plenos dos anos finais do ensino fundamental e nos do ensino médio. Com a sua revogação, a oferta da língua foi gradativamente desaparecendo das escolas de educação básica brasileiras, tanto das públicas quanto das privadas, até o seu quase total desaparecimento. A supressão da política linguística que se justificava pelo entorno de países hispanofalantes e as possibilidades de relações comerciais, culturais, artísticas e de outras naturezas impôs a escassez linguística nos currículos escolares da educação básica e privou as/os estudantes de terem contato com a diversidade sociolinguística da América Latina e com as possibilidades de expansão de seus horizontes pessoais, acadêmicos e profissionais.



É preciso destacar que, entre 2005 e 2017, nas escolas públicas estaduais da Bahia muitas vezes não existia a oferta da língua espanhola, mesmo sendo prevista em lei. Nos municípios de Ilhéus e Itabuna, em algumas poucas escolas públicas estaduais ainda acontece a oferta do espanhol, mesmo sete anos após a revogação da Lei nº 11.161/2005 (Brasil, 2005).

Na contramão do que acontece na rede estadual de ensino, a rede municipal de educação de Ilhéus, felizmente, começou a ofertar aulas de língua espanhola em 2024, nas turmas de 6º a 9º ano do ensino fundamental. Sem dúvida, uma grande vitória para a cidade de Ilhéus e região, que conta com uma graduação de habilitação dupla Letras-Português/Espanhol na UESC, e forma semestralmente novas/os professoras/es, que têm a oportunidade de trabalhar, agora, tanto com aulas de português quanto com as de espanhol.

No que tange ao ensino médio, a ausência de aulas de espanhol na rede pública estadual de ensino impõe às/aos estudantes uma limitação no momento de escolher o idioma da prova do ENEM. Com uma realidade de não terem a disciplina espanhol em seu currículo, e de os concursos públicos não oferecerem vagas para docentes nessa disciplina, dificilmente as/os estudantes terão professores de espanhol em sua escola. Essa é a situação do Colégio do Salobrinho, que não possui um/a professor/a do idioma no quadro de docentes. Essa realidade nos sensibilizou para a necessidade de ofertar um curso que preparasse as/os estudantes para a prova de espanhol do ENEM.

Da experiência com as oficinas de língua e culturas, no colégio do Salobrinho, ficou evidente a importância de abordar a aprendizagem das/os estudantes envolvidos em uma perspectiva intercultural, que respeitasse o saber local e suas vivências linguísticas e culturais. Pautados em uma visão de ensino de línguas que concebe a aprendizagem da língua espanhola como reconhecimento da própria identidade e da alteridade que ocupamos ao entrar em contato com outro idioma, e sempre observando na prática docente “a importância da cultura local e oportunizando uma melhor compreensão das diferenças entre a cultura alvo e a nativa, (...) [o que] poderá garantir uma formação cidadã básica para que o aprendiz interaja com sucesso na comunicação da LE [língua estrangeira] e, principalmente, com responsabilidade social.” (Scheyerl *et al.*, 2014, p. 147).



Trata-se de aprender uma língua “com o outro”, mas sem deixar de reconhecer o lugar da língua materna. É a aprendizagem em que o encontro com outra língua e outras culturas serve, ao mesmo tempo, para ampliar os horizontes e para ter consciência de seu próprio lugar no mundo, sem ter que abrir mão de nenhum dos dois.

O curso de Espanhol para o ENEM teve dois monitores estudantes da graduação – um de Línguas Estrangeiras Aplicadas a Negócios Internacionais (LEA-NI) e uma de Letras – e uma terceira monitora já egressa do curso de Letras. Os três trabalharam em conjunto com a coordenadora desde o início, na discussão e elaboração dos materiais, construíram coletivamente todo o processo, o que os tornou conscientes de como se dá a idealização e elaboração de um curso, sua execução, as estratégias para retomar conteúdos, recalcular rotas, e realizar a construção de conhecimentos significativos.

Entre as teorias que utilizamos como nossos referenciais teóricos, usamos a Pedagogia Crítica, baseada na pedagogia de Paulo Freire, e o Letramento Crítico, que se nutre da mesma obra freireana. Trata-se de teorias cuja práxis reflexiva torna os discentes envolvidos conscientes de que ao ensinar aprendem, e de que as/os suas/eus estudantes devem ser as/os protagonistas de sua aprendizagem. Ademais, as/os monitoras/es foram encorajadas/os a produzirem conhecimento a partir da experiência docente, reunindo relatórios que servirão de base para a produção de um artigo acadêmico.

O curso de Espanhol para o ENEM teve o formato de 60 horas, que ocorreram dos meses de maio a fim de outubro, no colégio do Salobrinho; o curso de Espanhol Comunicativo teve o formato de 30 horas, e ocorreu de setembro a fim de novembro, no Assentamento Frei Vantuy.

Resultados e discussão

Se uma das funções da universidade, em um de seus três pilares – ensino, pesquisa e extensão -, é ter na extensão a missão de ser parceira da comunidade e criar vínculos de várias naturezas com as pessoas, o momento de oferecer um curso de espanhol voltado ao ENEM é uma oportunidade única para trabalhar lado a lado com a comunidade na construção de espaços



dialógicos, educativo-formativos, de divulgação técnico-científica e de formação cidadã, como nos aponta o documento do Fórum dos Pró-Reitores de Extensão *apud* Santana *et al.*:

A Extensão Universitária é o processo educativo cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. (FORPROEX, 2012, *apud* Santana *et al.*, 2025, p. 3).

Com este relato de experiência, pretendemos registrar e analisar o processo de implantação e execução do projeto, bem como a experiência de encontrar a comunidade e ouvir/partilhar de seus anseios. Construir cursos que atendam às necessidades educativas e laborais dos que vivem nos arredores da área, onde se encontra a universidade tem grande relevância, pois abarca o intercâmbio de ideias, saberes e práticas que se espera da ação extensiva.

O projeto apresentado ao edital do UESC Comunidades possuía grande relevância para as comunidades, uma vez que ao receber a ação em suas escolas ocorreria o contato dos jovens da educação básica da rede pública com a língua espanhola e suas culturas, e se daria a sua preparação para as questões do ENEM, o que lhes oportuniza a chance de aceder ao espaço da universidade e a uma formação superior de qualidade. A relevância para a Universidade se dá pelos laços que se estreitam com a comunidade e fortalecemos, nessa relação, os pilares que sustentam a vida acadêmica, a saber: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Aos discentes dos cursos de Línguas Estrangeiras Aplicadas, aos Negócios Internacionais (LEA-NI) e Letras envolvidos no projeto oportunizou-se o crescimento do seu arcabouço metodológico, linguístico e cultural acerca do espanhol, e as trocas com a



comunidade e com as/os estudantes enriquecem a formação acadêmica e lhes dá a experiência para exercer com propriedade a sua vida profissional.

O projeto de extensão é um processo formativo, o que pressupõe que os discentes de graduação envolvidos na ação leiam textos teóricos e participem das discussões sobre eles; escrevam seus planos de aulas; compreendam as teorias por detrás do ensinar-aprender a língua espanhola para fins específicos, que, no caso, seria o espanhol voltado para o ENEM; aprendam e reflitam sobre cada passo na elaboração, execução e avaliação.

A participação discente para a realização do presente curso se deu desde as reuniões com as comunidades do entorno da universidade à construção dos materiais didáticos utilizados; com a preparação e execução das aulas; das observações e escrita de relatórios às análises do processo de ensino e aprendizagem; nas reuniões e discussões acerca das metodologias e nos ajustes das estratégias empregadas no ensino-aprendizagem.

Alguns desafios se apresentaram durante o percurso, como o fato de a turma que funcionaria na Escola Dom Bosco não ter se formado, e foi necessário buscar nova comunidade onde ofertar o curso. Então, nos foi sugerida a Comunidade do Frei Vantuy, e a partir desse momento começaram as tratativas com as líderes comunitárias, para entender as necessidades e demandas das pessoas que residiam ali. Todo o processo foi vivenciado de perto pelos monitores, que tiveram que preparar novo material que atendesse ao que desejavam no Frei Vantuy e mudar o enfoque das aulas, uma vez que agora seria um curso comunicativo de espanhol, voltado às habilidades orais e escritas. Esse ajuste representou um prazo de três meses até o curso poder iniciar, e ele teve apenas metade do tempo de duração que estava previsto anteriormente, mas entendemos que um desafio como esse é parte da realidade cotidiana da extensão e pudemos aprender a enfrentar a situação e dar uma resposta a ela no menor tempo possível.

No curso de Espanhol para o ENEM, no Salobrinho, as dificuldades foram de outra natureza. Houve adesão ao curso, com ajuda da direção da escola junto aos pais e responsáveis, e se preencheram as trinta vagas ofertadas. No entanto, as aulas aconteciam aos sábados, e muitos deles foram sábados letivos da própria escola, ou foram destinados a eventos ligados à Secretaria de Educação da Bahia. Somado a isso, a monitora precisava disputar a atenção das/os



estudantes com os treinos e jogos de futebol, que aconteciam aos sábados pela manhã. O número de estudantes presentes em cada encontro oscilava muito: num dia, dez; logo, treze; depois cinco; em outro dia, duas; depois seis..., no final, a presença se reduziu a uma ou duas estudantes.

Isso foi considerado um resultado lamentável diante do trabalho em construir o projeto, reunir-se com as comunidades, elaborar materiais, ler materiais teóricos, preparar aulas, deslocar-se até as comunidades e dar as aulas. Os monitores relataram sentimentos de frustração e desânimo diante da baixa adesão dos jovens na situação com a Escola Dom Bosco e o colégio do Salobrinho.

No curso de espanhol comunicativo, do Frei Vantuy, houve inicialmente treze estudantes inscritas/os. Aproximadamente seis estudantes foram regulares ao longo dos encontros realizados, e no último encontro compareceram apenas três deles.

Como último passo na atuação do projeto, uma das monitoras escreveu às/aos estudantes do colégio do Salobrinho, depois da realização da prova do ENEM, em novembro de 2024, enviando-lhes algumas questões, a saber: i) como havia sido a realização da prova de espanhol; e ii) se o curso lhes havia sido de ajuda para o desempenho no certame; no entanto, não obteve nenhuma resposta. A falta de uma resposta do grupo envolvido frustrou a expectativa sobre o alcance que o curso poderia ter tido na vida acadêmica e pessoal das/os jovens inscritas/os no curso de Espanhol para o ENEM. Igualmente, essa ausência de uma devolutiva deixou uma lacuna na finalização da coleta de dados para a produção de artigos acadêmicos. Vemos, com isso que, infelizmente, não é possível ter controle sobre todas as etapas do processo, apesar da programação feita e dos esforços empreendidos.

Também, consideramos como desafio a ideia que muito têm sobre o assistencialismo em relação à gratuidade dos cursos ofertados. Segundo Martins (2024), o assistencialismo “consiste em políticas criadas para atenuar momentaneamente um problema social, sem, de fato, abordar sua causa principal”, e a visão dessa prática estaria imbuída de um caráter despectivo, uma vez que ela não considera uma transformação por meio da ação. Essa visão do que é oferecido pela universidade como assistencialismo é fruto de uma não compreensão do papel da universidade, bem como um desconhecimento dos direitos cidadãos. Desse modo,



atreve-mo-nos, ainda, a afirmar que esse seria um falso julgamento arraigado na sociedade capitalista, em que o que é considerado valioso precisa ser comprado, pago, fruto de uma troca monetária.

Aproveitamos para compartilhar aqui questões que nos parecem legítimas para uma autorreflexão, portanto as fazemos ecoar a modo de reflexão/inquietação: “de que maneira a extensão intervém na sociedade”?; “ela tem o potencial de promover mudanças efetivas, ou atua de forma assistencialista”? (Moreira, 2014, p. 25). Acreditamos que a extensão não atue de forma assistencialista, senão como prática acadêmica, crítica e humana, integradora de diversos saberes (acadêmicos e não acadêmicos), e é uma necessidade tratá-la como direito humano, como está assegurada na Carta Magna brasileira, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e nos documentos reguladores da educação superior, ao pensarmos as ações extensivas.

A questão de uma recepção da extensão universitária como prática assistencialista, pela comunidade, seguramente é fruto de uma relação que a universidade estabeleceu historicamente com as comunidades, devido a um distanciamento geográfico e simbólico, ou, segundo o que Marilena Chauí chama de “universidade operacional”, e que é:

[...] regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional [...]. Essa universidade não forma e não cria pensamento, despoja a linguagem de sentido, densidade e mistério, destrói a curiosidade e a admiração que levam à descoberta do novo, anula toda pretensão de transformação histórica como ação consciente dos seres humanos em condições materialmente determinadas (Chauí, 1999 *apud* Moreira, 2014, p. 27).

A percepção da universidade como uma coadjuvante para o desenvolvimento de empresas e tecnologias capitalistas, distanciada muitas vezes das questões sociais profundas, pode ser responsável por ter colocado na universidade o rótulo de “economicista ou produtivista” (Moreira, 2014, p.26). Seguramente, no primeiro dia de aula ou no primeiro contato de uma ação extensionista, seja necessário esclarecer o que é uma ação extensionista, bem como que a extensão universitária é “prática acadêmica, a ser desenvolvida, como manda a Constituição de 1988, de forma indissociável com o Ensino e a Pesquisa, com vistas à

147



promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social.” (FORPROEX, 2012, p. 16 *apud* Santana *et al.*, 2025, p. 3). Também é necessário criar a consciência de que a extensão é uma prática que existe pela e para a comunidade, assim se dará o primeiro passo para o seu êxito, sua aceitação e sua incorporação na vida comunitária.

Os diálogos entre universidade e comunidade levarão ao processo de construção da cidadania, do encontro com o outro, de realizar aquilo que afirma Balduino A. Andreola, no prefácio do livro *Pedagogia da Indignação*, de Paulo Freire:

Cabe a nós, pois, não fundarmos clubinhos ou capelas, mas promovermos o diálogo amplo e crítico entre as grandes teorias que, contra a maré do determinismo e do fatalismo inexorável da economia de mercado, da especulação, da ganância e da exclusão, querem contribuir para um novo projeto planetário de convivialidade humana. Cabe a nós, Paulo, que aqui ficamos, derrubarmos muros e inventarmos o que venho chamando, há alguns anos, uma engenharia epistemológico-pedagógica de pontes, através das quais possamos ir e vir, ao encontro uns dos outros, sonhando com o dia em que possamos sentar à sombra desta mangueira da fraternidade global. (Freire, 2000, 14).

Ademais, a crença de que a universidade é para poucos precisa ser desconstruída paulatinamente, e acreditamos que uma das formas de fazê-lo é promover o constante diálogo entre universidade e comunidade, realizando deslocamentos das atividades de detrás dos muros até alcançar as/os cidadãs/ãos da comunidade externa, a fim de partilhar o que se produz no ensino, na pesquisa e na extensão, promovendo um fluxo dialógico nas duas direções.

Algumas considerações

É comum que haja evasão dos participantes em ações de extensão, mesmo quando há muita procura por algum projeto, é provável que o número de participantes se vá modificando gradualmente, até restarem menos pessoas que as que o iniciaram. Na fala de uma participante de um dos cursos ofertados sobre a baixa assiduidade dos colegas, ela afirma que “quando as pessoas não têm que pagar, elas não dão valor”. Parece usual que as pessoas associem atividades



que não representam um investimento econômico pessoal com uma atividade com “menos qualidade”, o que termina por não gerar um compromisso individual ou coletivo, e isso se reflete na assiduidade ou permanência na ação. Essa fala despreziosa nos fez pensar sobre como se dá a recepção das ações extensivas e como podemos usar essa reflexão para ajudar a melhorar nossas práticas e fortalecer vínculos com a comunidade.

O grande desafio que temos como universidade, talvez, seja o de modificar a crença de que somente o que é pago tem valor, como se os cursos ofertados pela extensão fossem tratados como uma espécie de “doação de itens sem utilidade”, ou uma prática assistencialista.

Trata-se, então, de construir pontes que sejam de ir e vir, pelas quais possa circular todo o saber que existe, sem desmerecer esse ou aquele conhecimento. Se é certo que a sociedade se beneficia como um todo das ações dos três pilares universitários – ensino, pesquisa e extensão –, é com esta última que vemos/damos diretamente a contrapartida social que a universidade entrega à sociedade, e os diversos setores e projetos de extensão se retroalimentam das necessidades das comunidades, dentro e fora dos muros da universidade.

Referências

BRASIL. **Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005.** Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Brasília, DF, 2005.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX, 2010, Belo Horizonte. **Extensão Universitária:** organização e sistematização. Belo Horizonte: COOPMED, 2010.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS – FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Florianópolis: FORPROEX, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-ebook.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação.** Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora da UNESP, 2000. p. 14

KOSTOF, S. **Historia de la Arquitectura.** Madri: Alianza Editorial, 1998.



MARTINS, J. S. **O que é assistencialismo**. Disponível em:
<https://www.politize.com.br/assistencialismo/> Acesso em: 10 maio 2025.

MOREIRA, J. da S. Extensão universitária entre o assistencialismo e o compromisso com o povo. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.14, p.25-30, dez. 2014.

SAMPAIO, S. A; SANTOS, T. C; REHEM, G. S. Estudo da expansão do bairro Salobrinho, Ilhéus-BA, em função da implantação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). **Revista Geografia em Atos (Online)**, Presidente Prudente, v. 5, p. 1-16, 2021.

SANTANA, A. *et al.* Programa UESC e comunidade vizinha do Salobrinho. **Revista Focando a Extensão**, Ilhéus, v.12, n.14, p. 2-3, 2025.

SCHEYERL *et al.* A perspectiva intercultural para o ensino de línguas: Propostas e desafios. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 50, p. 145-174, jul./dez. 2014.

Recebido: 05.05.2025

Aceito: 22.06.2025

Publicado: 02.10.2025



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)



Revista Extensão & Cidadania, v. 13, n. 23, p. 135-150, jan./jun. 2025.

DOI: <https://doi.org/10.22481/recuesb.v12i21.16829>

ISSN 2319-0566